

Da insuficiência de alteridade, espaço comum e hospitalidade

The insufficiency of alterity, community space, and hospitality

Francisco José Paoliello Pimenta e Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho comentam o artigo de Luis Mauro Sá Martino

Francisco José Paoliello Pimenta

<https://orcid.org/0000-0003-1244-9123>
paoliello@acessa.com

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (1993/Fapesp), incluindo pesquisas na New York University (1991/CNPq). Pós-doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS (2011/Capes). Foi jornalista dos Diários Associados, Revista Manchete, Agência Estado e Jornal da Tarde, e tradutor. É Professor Titular da Faculdade de Comunicação e Permanente do PPGCom UFJF, do qual foi coordenador (2006 a 2010). É Tutor do PET Facom UFJF. Foi Coordenador do GT Epistemologias da Comunicação da Compós (2012-2011) e é Consultor ad hoc de Comitês da CAPES.

<http://lattes.cnpq.br/2368585419362246>

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho

<https://orcid.org/0000-0001-7473-4224>
marina_sad@hotmail.com

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF (2018), especialista em Jornalismo Multiplataforma (2014) e bacharela em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, ambos pela mesma universidade. Atualmente, cursa Doutorado em Comunicação também na UFJF. Pesquisa a dinâmica transmídia no jornalismo a partir do pragmatismo de Charles S. Peirce. Também possui experiência na área de Comunicação, com ênfase em webjornalismo, jornalismo impresso, assessoria de imprensa, jornalismo religioso.

<http://lattes.cnpq.br/1193063367784743>

O artigo “Comunicação e empatia: explorações na trilha de Husserl e Stein” procura descrever possíveis “dimensões e limites” na utilização do conceito de empatia para a compreensão dos processos de Comunicação. Sá Martino adota, então, para isso, uma visada

fenomenológica com base em Edmund Husserl, Franz Brentano e Edith Stein, em articulação com brevíssimas referências aos trabalhos de autores como José Luiz Braga e Lucrécia Ferrara, entre outros. Em relação às citações, uma curiosidade: o autor dedica mais de três páginas para a bibliografia, listando 64 autores e deixando de lado a tendência atual de apresentar somente as obras que, de fato, são utilizadas no texto. Embora se proponha a apresentar “dimensões e limites” da utilização do conceito, parece-nos que, ao final, Sá Martino se preocupa mais em explicitar, a partir de suas dimensões, a possível utilidade do conceito do que, propriamente, seus limites.

Nesse trajeto, identificamos o lançamento de três questões principais: como colocar-se no lugar do outro, de sua alteridade; como tecer o espaço comum daí advindo, preservando essa alteridade; e, ainda, como se dá a hospitalidade intersubjetiva. O autor busca, então, descrever, como primeira dimensão do conceito, desenvolvimentos derivados da noção de *pathos*, especialmente no sentido de “ser intensamente afetado”. A empatia é, então, compreendida, via Brentano e Husserl, como a “ação de ir ao encontro do outro”, o que subentenderia sua base comunicacional, e, em diálogo com Stein, interpretada como “processo aberto de percepção e conhecimento da alteridade”. Portanto, o que o autor sintetizou no título dessa seção como “a dimensão do encontro sensível: a comunicação e o ato empático”, de fato, é algo relevante, embora limitado a determinados processos, limitação essa não explicitada pelo autor e sobre a qual trataremos mais à frente.

Sá Martino apresenta, a seguir, a segunda dimensão do conceito, ou seja, a atitude de buscar, ao máximo, no ato

de empatia, o que haveria de comum com o outro. Esse comportamento estaria ancorado na visão de Stein, que “delinea uma esfera comum irregular, acidentada, tensionada pelos gestos políticos, desigualdades e ambiguidades que a constituem”. Mesmo assim, tais diferenças, segundo o autor, não impedem “o desejo de construção de um espaço de comunicação” como “gesto fundador do social”. Esse é um dos únicos pontos do texto em que Sá Martino se detém especificamente nos limites da empatia, embora se mostre mais preocupado em destacar sua superação, ao apresentar essa esfera comum como fator de reconhecimento do outro e, portanto, de construção do social. Além disso, novamente, não observamos um desenvolvimento das limitações inerentes a tais concepções sobre a empatia para os estudos da Comunicação.

No final da argumentação, o autor apresenta uma terceira dimensão da empatia constituída pelas narrativas, testemunhos e escutas, ou seja, “o sentir com o outro a partir de uma vivência narrada”. Nesse caso, a dimensão envolve, explicitamente, outros meios de comunicação além da interação pessoal. O autor se refere ao “entrelaçamento com as vivências da alteridade” e enfatiza que a possibilidade de comunicação depende da intensidade da atenção e hospitalidade da narrativa e da escuta. Contudo, são constatações que, aparentemente, não acrescentam muito ao que já se sabe sobre os processos de comunicação em geral.

Da mesma forma, nas considerações finais, Sá Martino repete pontos já tratados no decorrer do texto, ao concluir que a empatia permite a construção de um espaço de comunicação, que as três dimensões apresentadas se relacionam com os processos de comunicação envolvendo-se neles ou facilitando-os, e que constitui um caminho para a resposta à interpelação de outrem. Na medida em que o autor se propôs a apresentar “contribuições oferecidas pela noção de empatia para uma compreensão dos processos comunicacionais”, é possível constatar que as articulações obtidas deveriam ser mais aprofundadas, não só pelo fato de que as limitações às quais Sá Martino se refere no título são pouco desenvolvidas, mas também levando-se em conta que a base teórica sobre a qual se assenta a argumentação lhe fornece elementos para tal.

De fato, na medida em que reivindica para o trabalho uma base na fenomenologia, pontos importantes da relação entre o conceito de empatia, suas bases teóricas, e o campo da Comunicação deixaram de ser considerados e, parece-nos, afetaram diretamente a intenção primordial do autor de apresentar possíveis contribuições dessas articulações à nossa área de estudos. Embora seja um âmbito do conhecimento que não dominamos, nem nos caberia aprofundar, é de conhecimento geral que a fenomenologia permite o tratamento de várias questões relativas à Comunicação com uma fundamentação filosófica

bastante rica, já a partir das etapas mais iniciais de seus processos, ou seja, a esfera da percepção.

Um dos aspectos mais característicos dessa abordagem filosófica é a chamada redução fenomenológica, conhecida também pelo termo *epoché*, derivado do ceticismo grego, que tem o sentido de interrupção ou suspensão de juízo. Frente à constância da realidade existente, Husserl recupera o conceito para propor a suspensão de nossa compreensão empírica natural do mundo, sem, em absoluto, negá-lo, mas apenas para colocá-la entre parênteses e, assim, ir além da objetividade ingênua e das ciências supostamente objetivas. Essa primeira etapa, de redução psicológica, deve ser, então, aprofundada pela redução fenomenológica, ou transcendental, que, operando da mesma forma, reflete sobre a própria consciência, o eu e seus atos, em busca de intuir algo essencial, ou seja, um eu puro ou transcendental.

Esta é, portanto, uma estratégia de obtenção do conhecimento deliberadamente restrita apenas ao que é pensado sobre o empírico, colocado, então, “entre parênteses”, e se volta para a intuição daquilo que é transcendente nos atos da consciência, de algo universal, invariável no conjunto de todas as vivências, e que constituiria, portanto, a essência pura e necessária. Com base nessa exposição, ainda que bastante superficial, da concepção fenomenológica do conhecimento, nos perguntamos, contudo, se tal postura seria, de fato, aplicável aos fenômenos da comunicação contemporânea.

Nosso questionamento decorre da compreensão de que nos encontramos num contexto de transformações derivadas da disseminação de meios digitais que ampliaram significativamente a semiosfera, tanto em termos dos signos em uso quanto das possibilidades de representação de objetos e, ainda, da expansão de processos interpretativos em redes interativas coletivas, incluindo inteligências artificiais. Numa concepção ainda mais compreensiva, biossemiótica, há de se considerar, ainda, os processos comunicacionais dos demais sistemas vivos, além dos humanos. Esse entendimento ampliado do campo traz consigo a ideia de que os objetos participam da semiosfera com autonomia em relação ao que pensemos sobre eles, exigindo a observação empírica sobre as diversas modalidades dessa participação para uma análise mais rica até mesmo de nossas próprias interpretações.

Se, entretanto, adotarmos a *epoché*, estaremos restringindo os processos comunicacionais a pensamentos particulares sobre o empírico, ou seja, na compreensão dos processos comunicacionais relacionados à empatia, conforme propõe Sá Martino, vários aspectos relevantes deverão ser colocados “entre parênteses”. Tais fenômenos não considerados na fenomenologia de Husserl, entretanto, são participantes importantes dos processos comunicacionais segundo uma outra fenomenologia, ou

faneroscopia, de Peirce, com a qual trabalhamos. Nessa outra vertente, na busca do conhecimento, além da imprescindível observação e análise da experiência, é preciso, ainda, considerar as bases qualitativas, estéticas, comuns a tudo que é, ou possa ser experienciado, ou se torne objeto de algum estudo.

Assim, por meio dessa perspectiva, o objeto dos processos sógnicos se apresenta sob dois aspectos. Ou é reconhecido por meio do signo e, nesse caso, é uma ideia, um objeto imediato, ou se dá como algo em si mesmo que se impõe à percepção, mas não se restringe a ela, ou seja, é um objeto dinâmico. Portanto, ao se colocar o empírico “entre parênteses”, conforme propõe a fenomenologia adotada por Sá Martino, características desse aspecto dinâmico seriam colocadas de lado, abrindo-se mão de analisar a ampla diversidade de papéis que o objeto assume nos processos comunicacionais

e suas diferentes determinações sobre as mentes interpretadoras.

Embora se reconheça o valor da busca pelo que seria o essencial da empatia, seguindo-se o roteiro proposto por Husserl, seria possível analisarmos a alteridade, a construção do espaço comum e a hospitalidade nos atuais processos comunicacionais sem analisar tais relevantes aspectos dinâmicos exercidos pelos objetos? Levando-se em conta que estamos num acentuado processo de mudanças causadas pela comunicação em rede digital, fatores importantes dessa ampla transformação do contexto comunicacional sequer foram compreendidos em grande parte de seus aspectos e, portanto, dependem da observação e da atenção rigorosa ao empírico. Em vista dessas questões, temos muitas dúvidas se essa abordagem fenomenológica, com sua ênfase psicológica, atende às necessidades do campo da Comunicação.